

BALANÇO 2017 E PERSPECTIVAS 2018 DA ECONOMIA

BALANÇO & PERSPECTIVAS



Depois de dois anos de queda intensa, a economia brasileira deverá crescer 0,7% em 2017. Entretanto, a melhora na atividade ainda não está disseminada entre todos os setores. A Agricultura foi o destaque positivo por conta da safra de grãos recorde. Já a Indústria ainda sofreu com o baixo desempenho da Construção e o lento processo de recuperação da Transformação. Na esteira desse movimento, o mercado de trabalho começou a mostrar sinais claros de recuperação.

O cenário econômico ficou marcado pelos notáveis avanços gerados pela reorientação da política econômica, como a intensa queda da inflação e dos juros, que possibilitaram o início da retomada da demanda doméstica, sobretudo do consumo das famílias. O quadro político foi mais acirrado do que o imaginado e seguiu gerando incerteza, dado o risco de abandono do processo de reequilíbrio macroeconômico e das reformas.

No âmbito externo o PIB mundial acelerou de 3,2% para 3,6%. As condições favoráveis da economia internacional geraram impactos positivos sobre a demanda por exportações industriais brasileiras, com destaque para as vendas do setor secundário gaúcho para a Argentina. A expectativa é de que o cenário bastante favorável no exterior em 2017 se mantenha em 2018.

O ciclo de crescimento brasileiro deve ter continuidade e será guiado pelo ritmo de recuperação do mercado interno. Entretanto, para que essa tendência tenha maior amplitude e duração, o País precisará avançar nas reformas que ampliarão a produtividade e a competitividade. A dificuldade de equilibrar as finanças públicas e a dívida crescente são restrições para que o Brasil gere um ambiente de maior otimismo e de impulso aos investimentos.

A economia do Rio Grande do Sul acompanhou a tendência da economia nacional. No caso do RS, foram três anos com o PIB em queda (2014 a 2016). Assim como no Brasil, a crise fiscal acentuou os estragos da crise econômica, acentuando as quedas recorde de produção da indústria e do aumento no número de desempregados.

A estimativa é de que a economia gaúcha crescerá 1,4% em 2017, acima do previsto no final de 2016 (0,4%). O desempenho mais positivo do que o esperado deve-se a alguns elementos particulares. O peso da agropecuária na atividade do estado é quase o dobro em relação ao total da economia brasileira. Desse modo, a safra recorde produziu impactos mais sensíveis no RS. Além disso, o ano de 2017 contou com a recuperação na produção de uva e de tabaco: dois produtos com muita importância para a agricultura e para a indústria, e que passaram por retrações intensas em 2016.

Outro motivo para a surpresa positiva no resultado de 2017 decorreu da permissão para o saque dos recursos das contas inativas do FGTS. Acredita-se que a liberação teve um impacto relativamente mais positivo no RS em comparação com a média nacional, em função do maior grau de formalização do mercado de trabalho no Estado.

A perspectiva para o ano que vem é de continuidade do processo de recuperação. O consumo doméstico deverá responder mais efetivamente à redução dos juros e à inflação muito baixa. Entretanto, o ano de 2017 foi atípico, e é muito improvável que os índices de preços cresçam de maneira vagarosa no próximo ano. Isso não significa que haverá uma rápida aceleração: muito pelo contrário. É inevitável que se tenha um processo de elevação da inflação ao longo de 2018, mas esse movimento deve ser bastante gradual, tendo em vista o alto grau de ociosidade da economia. Por conta disso, a Taxa Selic deve permanecer muito próxima ao menor patamar da história.

No **cenário base** para o ano de 2018 projetamos a continuidade do processo de recuperação cíclica da economia brasileira, com aceleração da taxa de crescimento em relação a 2017, especialmente por conta do efeito estatístico mais favorável. A recuperação do mercado interno, especialmente do consumo, ditará o ritmo dessa expansão.

No caso do Rio Grande do Sul, a expectativa é de que a safra de grãos não repita o desempenho de 2017. Dessa forma, o crescimento do Estado será menor do que o nacional. Portanto, se em 2017 a agropecuária impulsionou os resultados do início do ano, a expectativa é de que eles puxem para baixo em 2018.

No **cenário superior** haverá uma recuperação mais intensa da economia, também influenciada pelo maior crescimento do consumo doméstico. Assim, a expectativa é de aceleração adicional na indústria brasileira e gaúcha, na esteira de melhores condições da economia nacional e internacional. Nesse caso, é natural que a indústria tenha um resultado melhor diante da elevação da demanda.

No caso da economia regional, a previsão de queda na produção agrícola poderá não se confirmar na magnitude esperada. Como resultado, o crescimento surpreende positivamente mais uma vez, por conta do desempenho do setor primário.

Acreditamos que para o Brasil, mesmo no **cenário inferior**, a economia apresentará crescimento. Como abordado ao longo do texto, existe um processo de recuperação cíclica sustentada pela queda na taxa de inflação e de juros. Porém, haveria um crescimento abaixo do potencial, determinado pela maior incerteza. No caso do RS, a queda na safra de grãos pode ser acima da esperada, levando o estado registrar uma estagnação na atividade.

Por fim, o cenário político terá influência, principalmente na taxa de câmbio, na taxa de juros futuros, e nos mercados de renda variável. Portanto, para 2018, a expectativa é de muita volatilidade, mas o resultado da atividade deve se manter em trajetória de recuperação cíclica. Assim, acreditamos que os resultados das Eleições podem afetar o lado real da economia apenas em 2019.

Acesse o trabalho completo em:

www.fiergs.org.br/economia/balanco-econômico-e-perspectivas

CENÁRIOS MACROECONÔMICOS PARA 2018

REGIÃO	CENÁRIOS 2018	PIB	Descrição	Cenário	
				Indicador	Impacto
INTERNACIONAL	CENÁRIOS 2018	Superior	Aceleração mais forte dos emergentes e manutenção do ritmo dos desenvolvidos	Inflação	Alta mais expressiva nos emergentes e leve aumento na taxa dos desenvolvidos
				Comércio	Leve aceleração na taxa de crescimento da corrente de comércio
				Dólar	Valorização mais expressiva por conta do endereçamento de reformas nos Estados Unidos
		Base	Manutenção da taxa de crescimento mundial, sustentada pela recuperação cíclica de alguns emergentes	Inflação	Leve aceleração da inflação nos emergentes e estabilização nos desenvolvidos
				Comércio	Acomodação da taxa de crescimento da corrente de comércio
				Dólar	Leve valorização por conta do aumento dos juros e do início do processo de enjugamento da liquidez nos EUA
		Inferior	Manutenção da taxa de crescimento dos emergentes e desaceleração dos desenvolvidos	Inflação	Manutenção da inflação nos emergentes e leve desaceleração nos desenvolvidos
				Comércio	Desaceleração na taxa de crescimento da corrente de comércio
				Dólar	Estabilização em torno dos atuais patamares
BRASIL	CENÁRIOS 2018	Superior	Recuperação mais intensa da economia, puxada pelo maior crescimento do consumo doméstico	Inflação	Entre o centro e o teto da meta
				Juros	SELIC encerra ano próxima ao piso histórico com início de um ciclo de aperto monetário
				Taxa de câmbio	Valorização moderada por conta da redução da incerteza envolvendo o cenário político e econômico de médio e LP
				Mercado de trabalho	Consistente queda na taxa de desemprego, puxada pela melhora expressiva no mercado formal
				Setor externo	Superávit comercial mais baixo, causada pela retomada mais intensa das importações
		Base	Continuidade do processo de recuperação cíclica da economia, com aceleração da taxa de crescimento	Inflação	Entre o piso e o centro da meta
				Juros	SELIC encerra ano próxima ao piso histórico
				Taxa de câmbio	Aumento da volatilidade e desvalorização moderada por conta do estreitamento da janela para a aprovação de reformas e da redução do diferencial de juros internacional.
				Mercado de trabalho	Queda na taxa de desemprego e geração moderada de empregos formais
				Setor externo	Desaceleração do superávit comercial, causada pela continuidade da recuperação cíclica das importações
		Inferior	Crescimento abaixo do potencial, determinado pela maior incerteza	Inflação	Entre o piso e o centro da meta
				Juros	SELIC encerra ano próxima ao piso histórico
				Taxa de câmbio	Desvalorização acentuada por conta do aumento da incerteza a médio e longo prazo do ponto de vista político e econômico
				Mercado de trabalho	Estabilidade na taxa de desemprego e baixa geração de empregos
				Setor externo	Desaceleração menos intensa do superávit comercial
RIO GRANDE DO SUL	CENÁRIOS 2018	Superior	Recuperação cíclica acompanhando o ritmo da economia nacional	Setor Externo	Aumento moderado das exportações industriais e recuperação mais rápida das importações
				Arrecadação de ICMS	Crescimento marginalmente mais elevado do que a atividade econômica
				Mercado de Trabalho	Consistente queda na taxa de desemprego, puxada pela melhora expressiva no mercado formal
		Base	Recuperação cíclica acompanhando o ritmo da economia nacional	Setor Externo	Leve aumento das exportações industriais por conta da base deprimida e continuidade da recuperação cíclica das importações
				Arrecadação de ICMS	Crescimento, acompanhando a atividade econômica
				Mercado de Trabalho	Queda na taxa de desemprego e geração moderada de empregos formais
		Inferior	Crescimento abaixo da economia nacional, por conta do desempenho fraco do setor primário	Setor Externo	Retração moderada das exportações industriais e recuperação mais lenta das importações
				Arrecadação de ICMS	Crescimento, acompanhando a atividade econômica
				Mercado de Trabalho	Estabilidade na taxa de desemprego e baixa geração de empregos

INTERNACIONAL

	2015	2016	2017*	2018**
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)				
Estados Unidos	2,9	1,5	2,2	2,3
China	6,9	6,7	6,8	6,5
Japão	1,1	1,0	1,5	0,7
Zona do Euro	2,0	1,8	2,1	1,9
Europa emergente	4,7	3,1	4,5	3,5
Reino Unido	2,2	1,8	1,7	1,5
Ásia emergente	6,8	6,4	6,5	6,5
América Latina e Caribe	0,1	-0,9	1,2	1,9
Argentina	2,6	-2,2	2,5	2,5
Brasil	-3,5	-3,6	0,7	2,7
Chile	2,3	1,6	1,4	2,5
México	2,7	2,3	2,1	1,9
Mundo	3,4	3,2	3,6	3,7
Inflação (% a.a. - fim de período)				
Estados Unidos	0,7	2,2	1,8	2,3
China	1,6	2,1	2,3	2,4
Japão	0,2	0,3	0,1	0,6
Zona do Euro	0,2	1,1	1,1	1,6
Europa emergente	3,9	4,2	5,7	5,9
Reino Unido	0,1	1,2	2,8	2,6
Ásia emergente	2,7	2,7	3,1	3,2
América Latina e Caribe	6,2	4,6	4,2	3,6
Argentina	-	-	22,3	16,7
Brasil	10,7	6,3	3,1	4,1
Chile	4,4	2,8	2,4	2,9
México	2,1	3,4	6,1	3,5
Mundo	2,9	3,1	3,2	3,2

Fonte: FMI. Projeções: Brasil - FIERGS/UEE. Demais Países: FMI.

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

BRASIL

	2016	2017*	2018**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***					
Agropecuária	-6,6	12,0	-4,5	-2,5	1,8
Indústria	-3,8	-0,3	2,2	3,2	3,8
Serviços	-2,7	0,2	2,2	2,6	3,2
Total	-3,6	0,7	1,8	2,7	3,2
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,2	-0,8	3,8	4,9	7,9
INPC	6,6	2,6	3,4	4,1	4,9
IPCA	6,3	3,1	3,5	4,1	5,2
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	-9,4	5,1	1,5	2,7	3,9
Transformação	-6,0	1,5	1,6	3,0	4,6
Indústria Total¹	-6,4	1,9	1,5	3,0	4,3
Empregos Gerados – Mercado Formal (em mil pessoas)					
Agropecuária	-13,7	29,4	2,8	6,5	9,3
Indústria	-725,6	-184,3	92,7	216,2	308,9
Indústria de Transformação	-309,1	-26,8	63,8	148,9	212,7
Construção Civil	-385,9	-149,8	20,7	48,3	68,9
Outras	-30,5	-7,8	8,2	19,1	27,3
Serviços	-588,0	10,0	149,7	349,2	498,9
Total	-1.327,2	-144,9	245,2	572,0	817,2
Setor Externo (US\$ Bilhões)					
Exportações	185,3	214,8	210,0	218,2	224,2
Importações	137,6	150,1	156,4	160,3	163,8
Balança Comercial	47,7	64,6	53,6	57,9	60,4
Moeda e Juros (% a.a.)					
Juros Nominais – Selic - Final do ano	13,75	7,00	6,50	7,00	8,00
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ²	4,3	-6,7	16,9	6,2	-10,8
Taxa de Câmbio – Final do período	3,48	3,25	3,80	3,45	2,90
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-2,5	-2,4	-2,6	-2,2	-1,3
Resultado Nominal	-9,0	-8,6	-8,3	-7,7	-5,3
Pagamento de Juros Nominais	-6,5	-6,2	-5,7	-5,5	-4,0
Dívida Líq. do Setor Público – BR	46,2	52,2	56,0	55,3	54,2
Dívida Bruta do Governo Geral	69,9	75,6	78,8	78,0	77,1

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

² Variação em relação ao final do período anterior

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

RIO GRANDE DO SUL

	2016	2017*	2018**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (%) a.a.					
Agropecuária	-4,5	11,6	-7,5	-3,0	1,5
Indústria	-4,0	-0,5	1,2	2,6	3,2
Serviços	-2,0	0,3	1,8	2,2	3,4
Total	-3,1	1,4	0,8	2,0	3,2
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil pessoas)					
Agropecuária	1,4	-0,7	0,3	0,8	1,1
Indústria	-37,3	-13,5	9,2	21,4	30,5
Indústria de Transformação	-24,8	-8,0	7,3	17,0	24,3
Construção Civil	-11,6	-3,7	1,6	3,8	5,4
Outras	-1,0	-1,9	0,3	0,6	0,9
Serviços	-17,6	1,9	14,3	33,3	47,6
Total	-53,5	-12,2	23,8	55,5	79,3
Balança Comercial (US\$ Bilhões)					
Exportações	16,6	17,3	16,7	17,5	17,9
Industriais	12,4	12,6	12,4	12,9	13,3
Importações	8,3	10,0	10,2	10,5	10,7
Saldo Comercial	8,3	7,3	6,5	7,0	7,1
Setor Público (R\$ Bilhões)					
ICMS	30,2	31,9	32,5	33,5	34,2
Indicadores Industriais					
Faturamento real	-10,3	2,7	1,5	5,0	3,8
Compras	-5,6	-0,6	1,7	4,5	7,6
Utilização da capacidade instalada	-0,4	0,6	1,3	1,9	2,6
Massa salarial	-7,9	1,6	1,4	2,1	2,9
Emprego	-7,1	-1,1	1,1	1,6	2,1
Horas trabalhadas na produção	-5,2	-1,1	1,6	3,2	5,0
Índice de Desempenho Industrial - IDI/RS	-5,8	0,6	1,7	3,6	5,0
Produção Industrial¹ (%) a.a.	-3,8	1,4	1,2	3,0	4,3

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS